

Parte 3
FILMES BRASILEIROS REVÊEM
A COLONIZAÇÃO

Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha

*Ataídes Braga**

Eu parti do texto poético. A origem de Deus e o diabo é uma língua metafórica, a literatura de cordel. No Nordeste, os cegos, nos circos, nas feiras, nos teatros populares, começam uma história cantando: “eu vou lhes contar uma história que é de verdade e de imaginação, ou então que é imaginação verdadeira”. Toda minha formação foi feita nesse clima. A idéia do filme me veio espontaneamente.

(Glauber Rocha)

A década de 60 foi um momento privilegiado de criação artística, que produziu as manifestações mais vigorosas da cultura nacional.

O Cinema Novo, assim como os demais movimentos do período, mantém vínculos com o quadro ideológico esboçado no pós-guerra e em particular com a conjuntura da tentativa de instalação de um cinema industrial em São Paulo, dentro da ideologia nacional – desenvolvimentista.

Nos encontros de cineclubes e congressos de cinema realizados em 1952 e 1953, já encontramos as discussões que vão ser determinantes no Cinema Novo: necessidade de um esquema alternativo à produção industrial, ideologias de esquerda, etc.

É justamente a poesia desse humanismo da vida cotidiana, voltado em direção à representação da camada menos favorecida da população, que vai

* Mestre em Cinema pela UFMG, roteirista, professor e pesquisador de cinema. Autor do livro *O fim das coisas – salas de cinemas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: CRAV/Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, 1996.

O Cinema Novo se estrutura em três conceitos e formulações: a forma de produção, a linguagem e a ética (o compromisso com a “verdade” e a realidade). A constelação concreta dessas estruturas se efetiva através de formulações desenvolvidas em torno de conceitos como o autor, o público, o nacional, o popular, o povo, a fome, a favela, o retirante, o mercado, a classe média, o sertão, a alienação, a conscientização, a situação colonial, o subdesenvolvimento, a indústria, etc.

No manifesto “Uma Estética da Fome” (1965), apresentado na Europa, volta a aparecer a “preocupação com a verdade”. A violência tem papel importante: “somente conscientizando sua possibilidade única, a violência, o colonizador pode compreender, pelo horror, a força da cultura que ele explora”.

Para o objetivo deste artigo faremos uma análise do filme *Deus e o diabo na terra do sol*, rodado nas localidades de Monte Santo, Feira de Santana, Salvador, Cocorobó, Canudos (BA). O primeiro dia de filmagem foi 18 de junho de 1963.

O filme narra a trajetória do camponês que, para fugir do domínio do patrão, o mata. Inicialmente se junta ao bando dos fanáticos seguidores de São Sebastião – um profeta negro que afirma que um dia o mar vai virar sertão.

Estamos diante de um alerta da passividade popular e do que a fome, a miséria e a ignorância podem fazer com o povo desesperado, sem percepção da realidade social. A cada cena representada, desmorona-se e desintegra-se a anterior.

A constituição das três personagens principais é uma composição de representações míticas, idealizada na soma de várias individualidades, que vai além do espaço em que as mesmas figuram. A idéia a ser transmitida teria um caráter amplo para alcançar o público.

Para São Sebastião – fusão do beato Lourenço do Caldeirão e outros – e seus seguidores, fome, ignorância e miséria fazem parte de uma loucura que os empurra até aos sacrifícios humanos.

Em Corisco – soma de muitos cangaceiros e de Lampião – fome, ignorância e miséria são catalisadores de uma transformação revolucionária. Deus e o Diabo, assim representados, mostram que a crueldade e a dureza do sertão são forças transformadoras.

FICHA TÉCNICA

Ficção, longa-metragem, 35mm, preto e branco. Rio de Janeiro, 1964, 3.400 metros, 125 minutos. Companhia produtora: Copacabana Filmes. Distribuição: Copacabana Filmes.

Lançamento: 10 de julho de 1964, Rio de Janeiro (Caruso, Bruni-Flamengo e Ópera). Produtor: Luiz Augusto Mendes. Produtores associados: Jarbas Barbosa, Glauber Rocha.

Diretor de produção: Agnaldo Azevedo. Diretor: Glauber Rocha. Assistentes de direção: Paulo Gil Soares, Walter Lima Jr. Argumentista: Glauber Rocha. Roteiristas: Glauber Rocha, Walter Lima Jr. Diálogos: Glauber Rocha, Paulo Gil Soares. Direção de fotografia e câmera: Waldemar Lima. Cenógrafo e Figurinista: Paulo Gil Soares. Letreiros: Lygia Pape.

Gravuras: Calazans Neto. Cartaz: Rogério Duarte. Música: Villa-Lobos; canções: Sérgio Ricardo (melodia), Glauber Rocha (letra). Violão e voz: Sérgio Ricardo. Continuidade: Walter Lima Jr. Elenco: Geraldo Del Rey – Manuel; Yoná Magalhães – Rosa; Maurício do Valle – Antonio das Mortes; Othon Bastos – Corisco; Lídio Silva – Sebastião; Sônia dos Humildes – Dadá; Marrom – Cego Júlio; Antônio Pinto – Coronel; João Gama – Padre; Milton Roda – Coronel Moraes; Roque; Moradores de Monte Santo.

PRÊMIOS

Prêmio da Crítica Mexicana – Festival Internacional de Acapulco, México, 1964.

Grande Prêmio Festival de Cinema Livre, Itália, 1964.

Náíade de Ouro – Festival Internacional de Porreta Terme, Itália, 1964.

Troféu Saci/ Melhor Ator Coadjuvante: Maurício do Valle, 1965.

Grande Prêmio Latino Americano – I Festival Internacional de Mar del Plata, Argentina, 1966.

Participou de Cannes em 64, com enorme repercussão.